



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES.

PINA, Luís de

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

PINA, Luís de, Subsídios para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 40 (3-4) Jul.-Dez. 1930, p. 96-107.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Subsídios para a arqueologia do concelho de Guimarães

Sepultura luso-romana da Lapinha (Devesa-Escura)

No resumido inventário das riquezas arqueológicas luso-romanas do concelho de Guimarães, que organizei e inseri numa das partes introdutórias da minha Tese de Doutoramento, apresentada há pouco à Faculdade de Medicina do Pôrto ⁽¹⁾, referia-me eu a uma sepultura encontrada no monte da Lapinha, a sul da Serra de Santa Catarina (Penha); a nota bibliográfica respectiva indica um trabalho meu sôbre ela, como já publicado na *Revista de Guimarães*, com o mesmo título que encima êste artigo ⁽²⁾.

Porém, circunstâncias de vária ordem, alheias em tudo à minha vontade, não me permitiram publicá-lo na mesma ocasião em que se estava imprimindo *Vimaranes*; hoje a vez chegou!

Desta forma não esmoreço na faina de coligir elementos, por mais desvaliosos que pareçam, cuja importância, maior ou menor, sirva um dia a alguém que, urgente e benemêritamente, se abalance a elaborar a obra gigantesca onde fique, devidamente estudada e documentada, a rica arqueologia do concelho de Guimarães.

À grandiosa tarefa do ilustre sábio Martins Sarmento, às suas afanosas explorações, às suas fatigosas rebuscas e jornadas se deve o preciosíssimo espólio arqueológico do Museu que perpetua o seu nome.

Todo êsse recheio necessita de divulgação, uma muito ampla divulgação, especialmente estrangeira.

⁽¹⁾ Luís de Pina — *Vimaranes. Materiais para a história da Medicina portuguesa. Arqueologia. — Antropologia. História.* Porto, 1929. Obra subsidiada pela Junta de Educação Nacional — Ministério da Instrução Pública. Vide nota final.

⁽²⁾ Nota n.º 302. Págs. 95 e 322.

À mingua de catálogo, cuja falta se sente cada vez mais, onde boas fotografias e correctos desenhos dissessem mais que palavras, urge mostrar claramente o que o precioso museu avàramente guarda.

Felizmente que vai havendo já quem, com prejuízo do seu tempo e até da sua bôlsa, vá cuidando desta falta.

Esta Revista já possui belos artigos assinados por competências, que oxalá não desmaem na útil e patriótica canseira, patenteando algumas das riquezas arqueológicas encontradas por Martins Sarmiento e no seu Museu conservadas.

Assim se vão satisfazendo os desejos dos estudiosos, expressos há anos por Ricardo Severo, que isto mesmo canseirosamente pedia ⁽¹⁾.

Por mim, vou fazendo o que posso, empregando o pouco tempo vago em explorações e rebuscas pessoais por essas terras concelhias, onde tanto segrêdo jaz ainda sob a terra milenária. Actualmente dirijo a minha atenção para a Serra de Santa Catarina e lugares circunvizinhos, onde vou encontrando curiosas provas de civilizações pre- e proto-históricas. Do que tenho colhido na vasta zona compreendida entre Guimarães e Vizela, por campos e montes a sul daquela cidade, irei dando noticia nestes modestos *Subsídios*. Há pouco ainda descoñri um interessante grupo de rochas na falda da Penha, a poente, pertencentes à frêguesia de Pinheiro, as quais formam uma galeria em cujo solo, bem explorado, apareceram objectos neolíticos que a seu tempo apresentarei; uma das fragas apresenta provas irrefutáveis do trabalho dos homens dessa época, caçadores montanhese, por certo. Outros grupos de rochas, não longe destas, patentearão um dia surpresas agradáveis, especialmente um que comecei já a explorar, com bom resultado.

Uma outra sepultura estou estudando, a qual appareceu muito perto da que serve de assunto a esta nota. Enfim, se é fatigante e onerosa a rebusca destas coisas, é-nos grato ao fim colhêr seus frutos. De resto, dizia um dia o grande Martins Sarmiento a Martins Capela: *além de*

(1) *Portugalia*. Artigo de crítica à *Revista de Guimarães*. Vol. I, Fasc. II, 1899-1903.

tudo, é obra de caridade ajudar o inventário das nossas antiguidades, que tantas são» (1).

Como se sabe, tem a Penha fornecido para o Museu de Guimarães, por infatigável cuidado dum dos seus directores, o Sr. José Luís de Pina, importantísimos objectos de épocas pre- e proto-históricas.

Todo êsse espólio será assunto dum próximo trabalho meu, a apresentar a uma das sessões do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, no próximo mês de Setembro, atendendo à necessidade que há de tornar conhecida essa notável estação arqueológica.

Já Martins Sarmiento, calcurriando a dita serra e à vista de restos de cerâmica por êle encontrados, pensava num castro ali soterrado (2).

Porém a indicação de restos arqueológicos ali aparecidos vem de mais longe, como terei ocasião de dizer no citado e futuro trabalho.

Hoje a existência do castro está mais que provada, tendo eu já feito referência à sua importância no *Vimaranes*.

Todo êste arazoado vem a propósito de uma sepultura aparecida num dos morros anexos à Serra de Santa Catarina, denominado Lapinha.

Foi encontrada há 2 anos, no local conhecido por Devesa-Escura, na freguesia de S. Tomé de Abação. (A cruz na planta da *fig. 1*, da autoria de meu pai Luís Augusto de Pina, indica o lugar do achado).

Encontraram-na, por acaso, os trabalhadores que abriam a nova estrada que daquela freguesia levará à Lapinha.

Chegou-me aos ouvidos a nova três ou quatro meses depois, infelizmente tarde para salvar o malfadado espólio.

À roda do acontecimento o povinho crendeiro, ignorante e fantasista, ajeitou curiosas histórias, sendo por uma delas que tomei conhecimento da sepultura.

Dizia-me o contador: «Foi lá em cima, na Devesa-

(1) *Cartas de Martins Sarmiento ao Padre Martins Capela*. 3.^a, de 11-8-1882. *Revista de Guimarães*. Vol. XXXIX, n.º 3-4, 1929.

(2) Martins Sarmiento — *Antiqua*. Caderno 1.^o da Biblioteca da Soc. M. Sarmiento. O 1.^o trabalho sobre o castro da Penha, bem que resumido, deve-se a José Luís de Pina — *Penha eneolítica*. *Rev. de Guim*, 3.^o-4.^o, 1928.



FIGURA 1

Guimarães e freguesias circunvizinhas

-Escura, ao *plainar* o monte para a estrada nova. Ao bater o ôlho da enxada, palpando a terra, esta soou a ôco e o chão esfarelou-se, aluíu, abrindo-se uma grande cova. *Fiquemos atrigados* co'aquilo, que parecia grande lura de coelho! O caso é que *cavemos* no sítio e o que topámos foi um *forno*, muito redondo, mas sem jeitos de ter sido fabricado por qualquer que soubesse do officio!

Estava todo atulhado de terra. As paredes eram de calhaus grandes, pegados com barro uns aos outros e também com barro a forrá-los. No meio estava um grande pote, a modos de talha, de louça muito grossa, que brilhava por môr de ter coladas muitas *escamas de sardinha* (mica); estava tampado com um *alguidar*, também de barro, *c'ô fundo p'ra riba*. *Topêmos* ainda com outras púcarras e pratos mais *pequeneiros*. Mas a môr parte já estava desfeito ou *cubrado*. Os inteiros apareceram sem nada dentro. O *mâor* só deitou terra e carvão de lenha, e tinha um furo na barriga. Mas libras, meu senhor, nem uma para amostra! Aquilo era *escondrijo* dos franceses; quando ali passaram, os danados! Depois de nós, a canalha acabou de cubrar tudo, que aquilo era *cacaria* sem préstimo nenhum. *Tornemos* a encher a cova c'os restos e lá deve estar ainda. »

Eis a notícia, tal como me foi dada em primeira mão. Busquei mais informes; as opiniões sôbre a forma da construção eram idênticas; porém as do seu recheio eram variadíssimas, qual delas mais extravagante. Dizia-me alguém que um dos achadores voltou à cova e tanto escabichou que logrou descobrir uma panela de ricas libras em ouro; o caso é que o homem matava-se no trabalho da lavoura para agenciar a vida, e hoje anda de *costa dreita!* (1).

Outro dizia-me que tinham lá encontrado um *menino de ouro!* Esta fantasia, como a antecedente, infelizmente para o pobre que pobre ficou, merece registo, pois que um menino daquele metal é objecto imaginário indicado pelo povo algumas vezes nos recheios arqueológicos. Também no *forno* da Ribeira (S. João de Ponte), do qual já dei notícia nesta publicação, teria aparecido semelhante ob-

(1) Um tal *Maneta*, de S. Tomé de Abação.

jecto ⁽¹⁾. Se focos estas românticas do povo, é por encontrar nelas, muito lógicamente, elementos etnográficos importantes, de imenso valor para os que se dedicam à arqueologia e que se não devem desprezar.

Dum modo geral, aquilo era, para o povo, um forno do tempo dos franceses, abandonado ao fugirem dos franceses, no tempo do *Ginó!*

O que acho notável é não ter sido aquilo atribuído aos *mouros!*

Vejam os agora o que eu próprio pude colher no local do achado. Quando cheguei — por sinal um Domingo de sol que rachava as pedras! — lobriguei somente um naco de terra roçada do mato, fresca dos alviões e das sacholas, com cacos e pedras à mistura, numa miscelânea horrorosa! Acompanhava-me um indivíduo de perto, que vira o *forno* a seguir à devastação e que mo descreveu o mais fielmente possível ⁽²⁾: uma construção de pedras brutas, formando círculo, aproximadamente com metro e meio de diâmetro, por um de altura; diz que os cavadores o encontraram coberto de lages. As pedras eram ligadas a barro, sendo o fundo constituído pelo próprio *salão*. Estava cheio de terra, onde as vasilhas apareceram dispersas. Sobre a posição destas nada me soube dizer, pois horas depois de encontrado o *forno* tudo ficava em pedaços. Lancei-me à cata destes, com todo o cuidado. Abriu-se uma cova com maiores dimensões que aquelas acima citadas para a construção. Assim retirámos loda a terra e, com ela, os cacos. Foi-me impossível restaurar um só objecto! Os fragmentos cerâmicos guardei-os, conservando-se hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento, para onde os enviei, junto aos outros objectos adiante referidos. Com estes restos de cerâmica encontrei muito carvão, cinza e um pedaço de mó giratória ou dupla (mó castreja). Os restantes fragmentos desta guardára-os o Abade da freguesia de Santa Maria de Gémeos. Lá a vi e de lá trouxe a

⁽¹⁾ Luís de Pina — *Subsídios para a arqueologia do concelho de Guimarães*. — Os «fornos» da Ribeira, *Rev. de Guim.*, Vol. XXXVIII, 1928.

⁽²⁾ O Sr. Domingos Bragança, da Anfinha (S. Cristóvão de Abação).

promessa de serem enviados para aquele Museu. Outros fragmentos de vasilhas encontrei-os dispersos perto do local e outros ainda em casa dum proprietário de S. Tomé de Abação, que mos ofereceu.

O mesmo indivíduo que me acompanhava e ajudou na rebusca ofereceu-me um pequeno objecto metálico de uso indeterminado (cobre), semelhante a restos duma dobradiça vulgar ou fecho de cinturão. De tudo passo a dar contas e descrição: os fragmentos de louça faziam parte de um grande número de peças. Umas, pequenas, delicadas na factura; outras, muito mais grosseiras. Parte pertencia à *talha*, como chamaram ao vaso maior coberto com o *alguidar* invertido. Tratar-se hia dum *dólio* funerário, tampado por outro vaso cuja forma se vislumbra do nome que lhe deram: *alguidar*; contudo isto não repugna a acreditar, visto o encontrarem-se assim os vasos cobertos não ser novidade. Duma maneira geral o barro das vasilhas maiores, ou que se me afiguram maiores, era trabalhado à roda, grosseiro, cinzento ou avermelhado, outras vezes negro na parte que seria exterior e vermelho na que foi interior, com interposição duma camada menos cozida, acinzentada. A mica era abundantíssima e tanto assim que ela chamára a atenção daqueles rústicos que lhe chamaram *escamas de sardinha*, denominação bem apropriada! O mais grosseiro media de espessura $1\frac{1}{2}$ cm.; o mais delicado chegava a atingir 2 mm. Nenhuma gravura ou relêvo os alindava, excepto algumas raras caneladuras largas e pouco salientes, de secção triangular ou quasi semi-cilíndrica, como se pode ver na *fig. 2* (1, 2, 3, 4, 5), tão vulgar em cerâmica do concelho, por exemplo da Citânia de Briteiros. Essas caneladuras apareciam isoladas, ou em número de 2 ou 3 (*fig. 2* — 4, 5). Alguns fragmentos de mais delicada feitura pertenciam a pequenos vasos (*fig. 3* — 12, 13), uns bojudos (*fig. 2* — 6, 7, 8; *fig. 3* — 11), outros chaços (*escudelas*) (*fig. 2* — 9, 10).

Nas figuras citadas represento o perfil de certos boçais de vasilhas, semelhantes a tantos outros já encontrados em muitas estações arqueológicas. Antes de mais nada, devo notar que não descobri nenhum fragmento de louça arretina ou suas imitações.

Nos perfis dos fragmentos 22 e 23 (*fig. 3*) e 31 (*fig. 2*) podem ver-se, como ornamento muito simples, grupos de

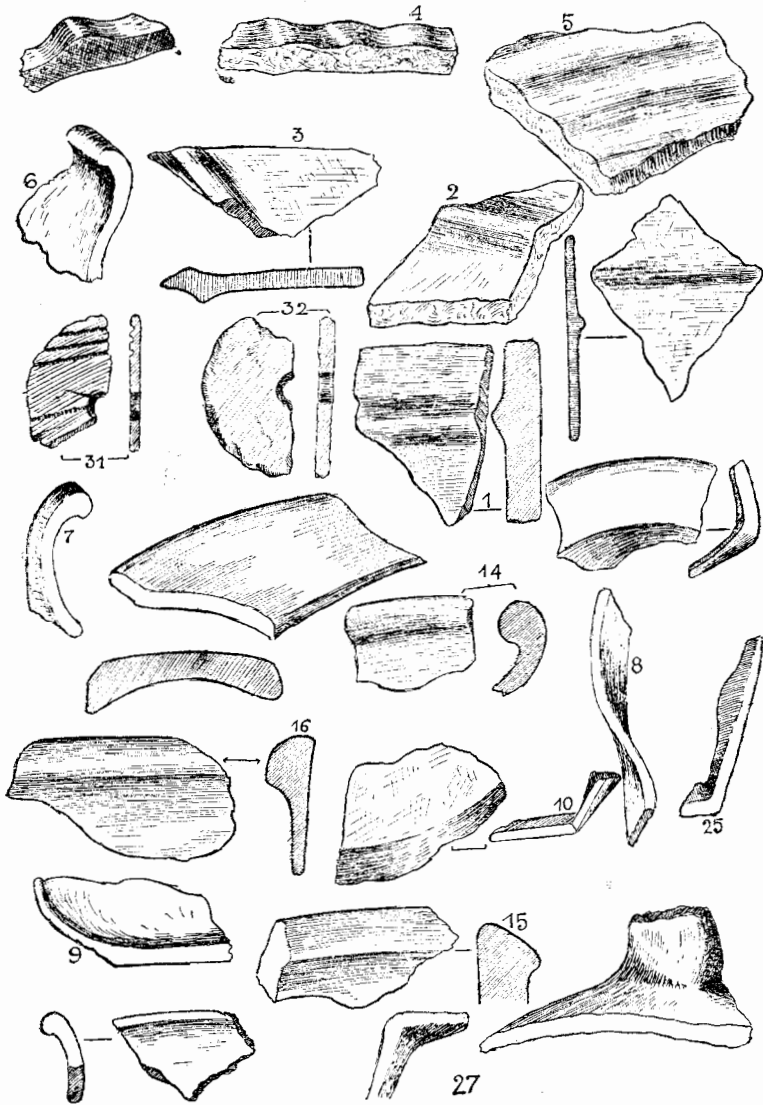


FIGURA 2

sulcos ou caneladuras e sulcos alternantes. No fundo de vaso representado na *fig. 2* (24) ver-se há também uma muito modesta ornamentação no rebôrdio, constituída por duas caneladuras semi-cilíndricas paralelas, encostadas uma à outra. Dois outros fundos de vaso, sem ornato algum, mostram-se nas *figs. 2* (9, 10, 25) e 3 (26). Alguns restos de asas apresentam-se nas *figs. 2* (27) e 3 (28, 29, 30). O representado na *fig. 3* (28) é muito grosseiro, apresentando um sulco mediano e longitudinal. Dois outros fragmentos de cerâmica representam, por certo, restos de *fusaiolas*, distinguindo-se nelas ainda metade do orifício central. Na da *fig. 2* (31) notam-se três sulcos, fundos e paralelos; a da mesma figura, n.º 32, nada apresenta como enfeite. Parece terem sido fabricadas com um fragmento de vaso. A elas se pode aplicar o que dissera um dia, de outras afins, Martins Sarmiento ao Dr. B. Carneiro:

• *O bocado de louça circular com um buraco no centro é cousa minha conhecida. É uma fusaiola económica. As perfeitas, que apparecem ás duzias na Citania e Sabroso, como em Troia, na Suissa, Italia, etc., são espheras de barro achatadas, e algumas com signaes symbolicos. Na Citania, porém, apparecem as que eu chamo fusaiolas económicas, porque são aproveitadas de um caco qualquer, enquanto as outras são obra dum oleiro* (1).

Delas diz também Santos Rocha «*á mesma classe de fusaiolas pertence tambem um pequeno disco, feito do fragmento d'um vaso e furado no centro*» (2).

Na *fig. 3* (33) patenteia-se o desenho dum pequeno objecto de cobre (tamanho natural) e ao qual já me referi antecedentemente. Na mesma figura (34, 35) vêem-se representados os fragmentos da mó giratória, pertencentes às mós volante e dormente, objecto tão freqüentemente encontrado. Ainda no verão de há dois anos tive ocasião de recolher duas, no Castro de Sanjurge ou Castelo Velho, perto de Ranhados (Beira-Baixa) que explorei (3).

(1) J. Leite de Vasconcelos. Cartas de Martins Sarmiento ao Dr. B. Carneiro. Lisboa, 1901.

(2) Santos Rocha — *Estações pre-romanas da Idade do Ferro. Portugalia*. Vol. II, Fasc. III, 1906.

(3) De tudo o que encontrei nesse Castro, inédito, dei relação neste ano de 1930, à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

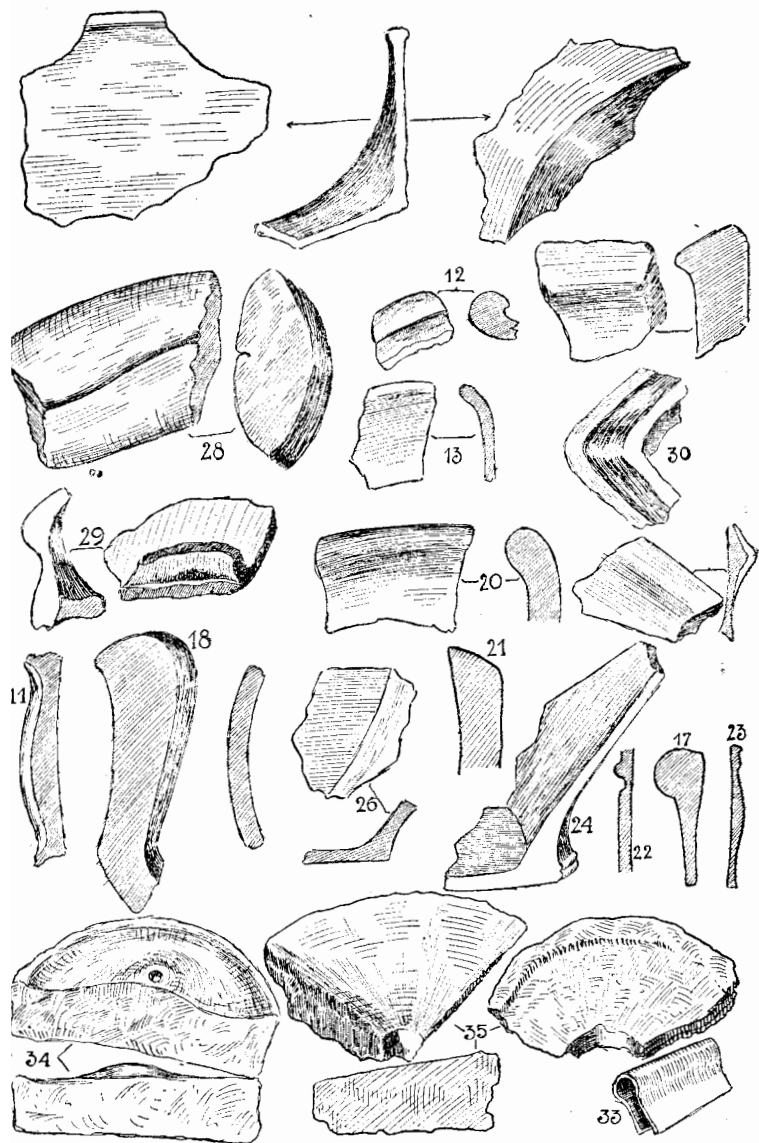


FIGURA 3

Eis, em rápido escôrço em que consiste o esbarronado espólio da sepultura da Devesa-Escura. As características são as de uma sepultura luso-romana de incineração. Como estas, muitas têm sido encontradas em Portugal, sendo já vasta a bibliografia a tal respeito. Contudo, não me referindo à estrangeira e restringindo-me à nacional, devo mencionar o belo estudo de J. Fortes sôbre ritos funerários, a propósito de uma necrópole luso-romana de Amarante ⁽¹⁾; aí dizia o distinto arqueólogo: « — *Apura-se pois, para o rito da cremação funeraria, um typo sepulcral muito em voga no concelho — a fossa redonda de restrictas dimensões e factura rude, com mobiliario exclusivamente ceramico contendo cinzas e, por vezes, carvões e vasos carbonizados.* »

Escreveu também Santos Rocha num outro trabalho que as sepulturas de fossa são mais modernas que as outras construídas de lages brutas, tejo, etc. Ora, como disse, a da Devesa-Escura era forrada a pedra e argamassa (barro), se bem que as lages não fôsem de lages brutas. ¿ A que povoado pertenceria o nosso antepassado ali perdido? O local dista um quilómetro ou pouco mais da estação arqueológica da Penha, para o sul. Ali, na Devesa-Escura e Lapinha, que se lhe segue, têm sido encontrados outros vestígios luso-romanos e eneolíticos, que a seu tempo apresentarei: vasilhas, tejo, telha, etc., uma faca de sílice, etc.

Já Martins Sarmento dizia que a população foragida da Penha se iria acoirar em Matamá, que fica perto, onde se encontram restos de castro, etc. ⁽²⁾. Mas, outras provas de aqueles lugares serem povoados outrora, indicarei o que M. Sarmento encontrou e hoje se vai encontrando ⁽³⁾: na Penha, o que já todos conhecem, espólio rico,

do Pôrto. Comunicação intitulada *Nótulas arqueológicas de Ranhados do Douro — Beira-Baixa*, a qual será publicada nos Boletins da mesma Sociedade.

⁽¹⁾ J. Fortes. *Necrópole lusitano-romana da Lomba* (Amarante). *Portugalia*. Vol. II.

⁽²⁾ M. Sarmento. *Antiqua*, caderno cit.

⁽³⁾ Para as não repetir neste lugar, vide indicações bibliográficas sôbre êste e outros assuntos respeitantes ao concelho de Guimarães na minha Tese *Vimaranes*.

um muito notável agrupamento humano; restos de antas e antelas; na freguesia de S. Tomé de Abação, à qual pertence o local da sepultura estudada agora, já em tempos apareceram uns capitéis (coríntios) e um arco, com inscrição romana mutilada; vasilhas; uma sepultura forrada a tejo; além disso, existe um penedo com orifícios não naturais, perto da Lapinha, chamado do *Santinho* e ligado à terapêutica popular (*cansamento do peito*), o qual cito pelo valor que têm as insculpturas em rocha (fossetes, sulcos, etc.); resta-me citar ainda dois lugares da freguesia de S. Cristóvão de Abação, pegada à de S. Tomé, que sugerem a existência de antigos monumentos arqueológicos: *Antinha* e *Fornalha*. Neste, diz o povo que *foram queimados muitos cristãos* ⁽¹⁾ e perto dela foi encontrado o citado túmulo de tejo.

Como se vê, todos estes elementos reunidos e bem interpretados nos habilitam a crer na existência de povoados neolíticos e luso-romanos, derramados pela extensa e aprazível região pertencente às freguesias de Santa Maria da Costa (Penha), S. Salvador de Pinheiro, S. Tomé e S. Cristóvão de Abação, S. Lourenço de Calvos e Santa Maria de Matamá. Em futuras notas apresentarei as provas dessa existência, consoante as fôr descobrindo e estudando, nos escassos momentos de folga que me sobejam.

LUÍS DE PINA.

(1) M. Sarmento. Caderno cit.